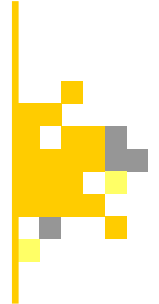


ENTREVISTA

Esther Kuperman

(Doutora em Ciências Sociais, Professora,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro)



Sobre a entrevistada

Possui mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008).

Atualmente é professora titular do Departamento de Pesquisa e Pós Graduação do Colégio Pedro II. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: Pensamento Político Brasileiro, Estado e Sociedade no Brasil Contemporâneo, História Econômica, Formação da Identidade Nacional Brasileira, Classes Sociais e Conflito e História do Brasil.

Também atua na área de História Contemporânea, com ênfase em História do Oriente Médio Contemporâneo e História Econômica. Faz parte do Programa de Estudos Judaicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Colaboradora da Comissão de Altos Estudos do Centro de Memórias Reveladas do Arquivo Nacional. Representante da Universidade de Tel Aviv no Brasil. Após a aposentadoria, desenvolve atividades docentes e de pesquisa quando solicitada como Professora Convidada junto ao MPPEB Mestrado em Práticas de Educação Básica, do Colégio Pedro II, sem remuneração.

ORCID: 0000-0002-4733-699X

Lattes: 9441660940898332

E-mail: estherkuperman@gmail.com

1. A guerra de narrativas, a guerra de propaganda é um componente indissociável da História das guerras. Assemelha-se ao dramático universo shakespeariano em que o cinismo, a hipocrisia, as dores, as tramas, as intrigas, a maldade humana, quem começou, quem sofreu mais e outros aspectos desfilam aos nossos olhos incrédulos. Israel leva vantagem nessa Guerra em relação aos Ocidentais?

Esther Kuperman – Dizem que a primeira vítima de uma guerra é a verdade. Concordo. As narrativas, dos dois lados sempre tendem a apontar para algum projeto ou interesse próprio. Nunca saberemos o que aconteceu. Aliás, tanto na guerra quanto na paz, as versões são feitas e disseminadas de acordo com o interesse de quem as produz. No caso deste conflito – que não é novo - a vantagem e a versão mais aceita é determinada pelo que se consegue oferecer à opinião pública. No começo do último episódio, quando o Hamas e outras organizações islâmicas invadiram o território israelense com fúria e perversão nunca vistas, chacinando 1400 pessoas, isto criou um sentimento de apoio aos israelenses, que ficaram na posição de vítimas. Num segundo momento, quando Israel revidou os ataques usando seu poderio bélico, invadindo Gaza, atingindo, inclusive, a população civil, houve uma mudança nos “humores” e “simpatias” da opinião pública internacional. Neste sentido, não vejo vantagem para Israel quanto à versão destes últimos eventos. Aliás, já faz tempo que Israel está perdendo a guerra das narrativas.

2. Porque o ocidente não se sensibiliza com a situação Palestina da mesma forma com que se sensibilizou com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro?

EK – Para o Ocidente, qualquer evento ou confronto que não ameace o frágil equilíbrio – ou desequilíbrio – das forças internacionais não adquire importância. A atual situação começou a chamar a atenção do Ocidente quando ameaçou se ampliar pelo Oriente Médio. Não fosse isso, as instituições multilaterais não estariam empreendendo esforços no sentido de obter um cessar fogo e gerar uma solução dos problemas. Não mexendo na correlação de forças, o conflito não recebe “tratamento vip”. Faz décadas que este embate entre palestinos e Israel está aí. Várias tentativas foram feitas para levar a um acordo que trouxesse solução - os acordos de Camp David e Oslo, por exemplo. Mas nunca houve nenhum empenho real, por parte dos órgãos multilaterais ou das grandes potências. Isto só acontecia quando a atuação de um governo, obtendo uma pausa nos confrontos ou articulando uma negociação, pudesse resultar em pontos junto ao eleitorado dos países do Ocidente.

3. Outro aspecto importante na conjuntura atual é o posicionamento das grandes potências? Como você avalia o envolvimento norte-americano? E a China? E a Rússia? França? Alemanha?

EK – Este conflito sempre foi uma expressão da disputa entre potências. Com o fim do mandato inglês e a Declaração Balfour – que completa 100 anos em 2025¹ - o confronto tomou outra face, sendo que a Grã-Bretanha já não era o inimigo principal. No entanto, a convivência entre judeus e árabes na região ainda era razoável. A questão tomou característica de conflito após a partilha feita na ONU, com a Resolução 181 de 1947. Naquele momento, inclusive, a então URSS apoiou Israel, fornecendo, armas durante a guerra de 1948. Com o afastamento soviético de Israel, este passou a receber o apoio dos EUA. Então, a China não era a potência que se tornou nas últimas décadas, de forma que seu apoio, mesmo que

houvesse para algum lado, ainda não pesava na balança. Quanto à Europa, no pós-guerra era terra arrasada, tanto que o Plano Marshall foi anunciado em 1947, passando a vigorar entre 1948 e 1951, com o objetivo de “salvar” as economias europeias através de pesados investimentos americanos. Portanto, naquele momento, o que pesava era a proximidade com os EUA ou com a URSS.

4. A forma enérgica com que Israel está agredindo a Faixa de Gaza pode acender algum tipo de antissemitismo?

EK – A maneira com o Israel está atuando em Gaza tem como uma das consequências o crescimento do antissemitismo em todo o mundo. Digo crescimento porque ele nunca deixou de existir. Sempre foi um sentimento latente no mundo ocidental. De toda forma, os judeus do mundo inteiro, quer queiram, ou não, são identificados com o Estado de Israel. O grande problema é que a maior parte das pessoas confunde as ações do governo israelense com o povo de Israel e também com os judeus ao redor do mundo. É como se todo norte americano fosse trumpista, ou todo brasileiro fosse bolsonarista. Não se faz distinção entre Estado, governo e povo, no caso de Israel e dos judeus.

5. Como você analisa a conjuntura global que, de um lado, vemos o ocidente acusar a Rússia – uma potência – em guerra com um país mais fraco – Ucrânia – e, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado de outra potência – Israel – que cerca um povo que ao mesmo tem um Estado. Essa situação pode levar a falência definitiva da ONU?

EK – No meu entendimento, a ONU vem perdendo espaço e peso político. Não sei se será uma falência definitiva, porque existe sempre a possibilidade de uma reforma na sua estrutura e na maneira de atuar. Esta seria uma forma de dar a ela uma nova organização e um novo *modus operandi*, que reflita o novo equilíbrio de forças internacional. Quanto à questão da Ucrânia, parte do problema está na manutenção e tentativa de

expansão da OTAN, que é vista pela Rússia e por alguns de seus estados mais próximos como uma ameaça. Poderíamos até pensar numa nova Guerra Fria, mas, hoje em dia há a China, cujo peso e importância crescem a cada dia.

6. Em sua opinião, a proteção Ocidental direcionada à Israel é fruto das feridas da Segunda Guerra Mundial ou uma forma de conter o crescimento dos países árabes, da Turquia e do Irã?

EK – Nem um nem outro. A partilha da Palestina e a possibilidade de criação do Estado de Israel tem sido apontada, por parte do mundo ocidental como uma forma de “compensação” aos judeus pelo Holocausto. É fato que o mundo assistiu em silêncio e sem esboçar reação a tudo o que foi feito ao longo dos anos 30 e 40 na Europa – não só com os judeus, mas com ciganos, comunistas, sindicalistas, Testemunhas de Jeová, homossexuais, pessoas com deficiência e todos aqueles cuja existência poderia “atrapalhar” os planos da recuperação do capitalismo europeu pela via do totalitarismo. Mas, na verdade, a chamada Questão Judaica já estava em pauta desde o final do século XIX. O nacionalismo judaico é mais antigo que as duas grandes guerras mundiais. Quanto aos países árabes, já não existe uma rivalidade tão acirrada entre estes e o mundo ocidental, especialmente os EUA. Prova disso é a aliança com os sauditas, lemenitas, etc....Portanto não é isso que explica o apoio ocidental a Israel, especialmente dos EUA. A questão passa pela importância da indústria armamentista e pelo peso eleitoral dos judeus americanos, tradicionalmente eleitores dos democratas. Outra coisa que pesa é o esforço do Irã em expandir sua influência na região. O mais provável é que esteja havendo uma aliança entre alguns países árabes e os norte-americanos para fazer frente ao crescimento do peso do Irã.

7. Como avaliar a participação dos atores regionais neste conflito? Irã? Arábia Saudita, Egito e Qatar?

EK – Como eu disse anteriormente, o apoio ao Hamas, ao Hezbollah e a outras organizações fundamentalistas islâmicas, por parte do Irã, faz parte do projeto iraniano de expansão de sua importância política naquela região. A Arábia Saudita, o Qatar e o Egito buscam reduzir este processo. Por isso a aproximação destes atores políticos com os norte-americanos. Antes do 8 de outubro havia, inclusive uma articulação em andamento, que incluía a participação israelense. Podemos até pensar que a invasão e o massacre do 8 de outubro, que provocou a reação israelense, reacendendo o confronto, pode ter sido uma forma de dificultar esta aproximação. Mas esta não é a única explicação para os acontecimentos recentes. Há outras.

8. Por que o conflito entre Israel e Palestina está longe de um desfecho positivo?

EK – Não acredito numa solução imediata e definitiva para este conflito. Há inúmeros vetores que devem ser mudados. Um deles é a correlação das forças políticas em Israel, reduzindo o peso da extrema direita e dos fundamentalistas judeus. É um fator que deverá acabar com a ocupação das terras palestinas. Este é um dado importante que, sendo mudado, pode gerar uma proposta de resolução desta guerra. Portanto, esta resolução não será possível sem um desfecho que envolva a criação de um Estado Palestino, soberano e autônomo e na manutenção do Estado de Israel, ou seja, dois Estados para dois povos, com fronteiras seguras e definidas. Não há nenhuma outra saída. Sem isso, o conflito, que já dura mais de sete décadas, vai se perpetuar.

Notas

¹A Declaração Balfour foi um documento no qual o governo inglês respaldou, pela primeira vez, a criação de lar nacional para o povo judeu na Palestina.

Entrevistadores:

José Renato Ferraz da Silveira e
George Leonardo Seabra Coelho